

## ESTRÉIA

Não há redenção em *Breu*, a obra mais sombria de Rodrigo Pederneiras. Coreografia é curta, opressiva e desesperançada

## O CORPO E A CRISE

## CONTEMPORÂNEA

JOSÉ LUIZ PEDERNEIRAS/DIVULGAÇÃO

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

É incomum a parceria que o Grupo Corpo escolheu para a sua temporada de estréia. *Sete ou oito peças para um ballet*, criado em meados da década passada, é uma das coisas mais luminosas que o grupo já apresentou. *Breu*, a nova coreografia,

talvez seja a obra mais sombria que Rodrigo Pederneiras, coreógrafo residente da companhia, já compôs.

A combinação funciona. A luminosidade material e espiritual de *Sete ou oito peças* reforça a escuridão, idem, de *Breu*; o tom soturno da última torna a memória da primeira ainda mais resplandescente. É como se a soma das duas obras, ao revelar aspectos distintos tanto da criação de Pederneiras quanto dos fantasmas que povoam seu imaginário, oferecesse ao espectador uma representação de mundo com jeito de ser completa, abrangente.

Não é a primeira obra sombria que o Grupo admite em seu repertório. É singular, contudo, pela maneira como leva adiante esse caráter. Outros momentos da trajetória do grupo trabalharam o contraste entre amargura e redenção. O sentimento dramático do *Agnus dei* de *Missas do Orfanato*, por exemplo, se compensava na redenção final do *Dona nobis pacem*, no final da obra. As trevas com que *Parabelo* se inicia caminham rumo à luminosidade com que termina. *O corpo* pode ser materialmente sombrio, até mesmo incômodo,



*Breu*, novo espetáculo do Grupo, impressiona pela intensidade do trabalho de Rodrigo Pederneiras

mas tem elementos lúdicos que, o tempo todo, compensam esse caráter.

*Breu* é diferente. Fisicamente, é um estudo sobre corpos que se movem no chão, ou que, quando eretos, estão à espera de seu percurso rumo ao chão, sempre entre luzes mortíferas, num ambiente de pretos e brancos. Como culturalmente transformamos posições, movimentos e informações visuais em verbetes de um dicionário afetivo, interpretamos o que vemos como um discurso em que as crises físicas correspondem a crises emocionais ou sociais. Não há espaço para a redenção.

E são crises poderosas. A expressão no olhar dos bailarinos é sempre fechada. Quando se voltam para a plateia, é com um olhar beligerante. A iluminação é opressiva, como se estabelecesse limites para o

movimento. Qualquer simulacro de relação afetiva parece mediado pela agressividade. Quando os corpos se tocam, ou parecem se chocar, ou algum deles está sem tônus, flácido, como morto.

A meio caminho do final, um duo (ou melhor, um falso duo, porque boa parte do elenco estará por perto, mesmo se em primeiro plano há dois intérpretes) funciona como síntese do que já vimos e do que ainda veremos. É um momento intenso e doloroso, como é intensa toda a obra. *Breu* deve ser uma das criações mais curtas que Rodrigo Pederneiras algum dia realizou. Isso lhe permite uma densidade que poucos alcançam na dança. *Breu*, afinal, é tão forte que talvez se tornasse insuportável se mais longo, se nos expusesse mais tempo a seu olhar solitário e desesperançado.